

Transformações Produtivas e o Papel das Cooperativas na Cadeia Produtiva do Açaí no Estado do Amapá

Productive Transformations and the Role of Cooperatives in the Açaí Production Chain in the State of Amapá

Cláudia Maria do Socorro Cruz Fernandes Chelala, UNIFAP, cfchelala@gmail.com

Antonio Claudio Almeida de Carvalho, Embrapa, aclaudio.carvalho@embrapa.br

Hilton Rogério Maia Cardoso, UNIFAP, hilton_rogerio@hotmail.com

Alfredo Kingo Oyama Homma, Embrapa, UEPA, alfredo.homma@gmail.com

Grupo de Trabalho (GT): 06 – Cooperativismo, associativismo e demais ações coletivas no meio rural

Resumo

O açaí é uma das cadeias produtivas mais importantes para a bioeconomia da região amazônica, desempenhando um papel fundamental na alimentação da população local e na geração de trabalho e renda. A partir dos anos 2000, uma crescente demanda pela polpa do açaí nos mercados nacionais e internacionais impulsionou transformações estruturais na cadeia produtiva do açaí no Estado do Amapá. Essa expansão estimulou a criação de associações e cooperativas de produtores, permitindo uma maior participação dos extrativistas no processamento do fruto, atividade que anteriormente era dominada pelo segmento empresarial. Nos últimos anos, observa-se um movimento de verticalização da produção, impulsionado pelo fortalecimento das organizações sociais. Esse processo tem contribuído para a ampliação do mercado em condições mais vantajosas para os produtores locais, garantindo maior autonomia e agregação de valor à produção. Esse estudo analisa a reconfiguração da cadeia produtiva do açaí no Amapá, com foco no impacto da expansão do mercado e do associativismo no desenvolvimento desse setor. Além de sua relevância econômica, a cadeia produtiva do açaí também estimula outras atividades produtivas na região, como a produção de mandioca, castanha-do-brasil, cupuaçu e pescado. A interdependência entre essas cadeias favorecendo o desenvolvimento econômico e a integração entre diferentes setores, consolidando o açaí como um dos principais motores da bioeconomia amazônica e ampliando suas contribuições para a sustentabilidade social.

Palavras-chave: agroextrativismo – empreendedorismo rural – sustentabilidade econômica – bioeconomia – Amazônia.

Abstract

Açaí is one of the most important production chains for the bioeconomy of the Amazon region, playing a fundamental role in feeding the local population and generating jobs and income. Since the 2000s, a growing demand for the fruit in national and international markets has driven structural changes in the açaí production chain in the state of Amapá. This expansion has stimulated the creation of producer associations and cooperatives, allowing greater participation of extractivists in the processing of the fruit, an activity that was previously dominated by the business sector. In recent years, there has been a movement towards verticalization of

production, driven by the strengthening of social organizations. This process has contributed to the expansion of the market under more advantageous conditions for local producers, ensuring greater autonomy and added value to production. This study analyzes the reconfiguration of the açai production chain in Amapá, focusing on the impact of market expansion and associations on the development of this sector. In addition to its economic relevance, the açai production chain also stimulates other productive activities in the region, such as the production of cassava, Brazil nuts, cupuaçu and fish. The interdependence between these chains favors economic development and integration between different sectors, consolidating açai as one of the main drivers of the Amazon bioeconomy and expanding its contributions to social sustainability.

Keywords: agroextractivism – rural entrepreneurship – economic sustainability – bioeconomy – Amazônia

Introdução

A cadeia produtiva do açai (*Euterpe oleracea Mart*) no Amapá tem passado por significativas transformações nas últimas três décadas, impulsionadas pela crescente demanda pela polpa do fruto nos mercados nacional e internacional. Esse aumento da demanda tem incentivado a profissionalização do setor, promovendo mudanças na estruturação da produção, processamento e comercialização do açai na região.

Historicamente, a produção de açai no Amapá estava restrita ao extrativismo, com colheita realizada por pequenos produtores em áreas de várzea e grotas. No entanto, o crescimento do setor levou à expansão de áreas manejadas de várzeas e do cultivo em áreas de terra firme, o que exigiu inovações nas técnicas de manejo e plantio e na logística da cadeia produtiva. Esse avanço passou a ser impulsionado por iniciativas de associações e cooperativas que buscam se inserir no mercado global.

O fortalecimento do associativismo e do cooperativismo tem desempenhado um papel fundamental na estruturação da cadeia produtiva do açai no estado. Essas organizações possibilitam que pequenos produtores tenham acesso a crédito, assistência técnica e mercados mais competitivos, além de garantirem melhores condições de escala para a comercialização do produto.

A criação de cooperativas como a Amazonbai e a Bio+Açai são exemplos de como a organização coletiva representa a transformação da cadeia produtiva, agregando valor ao produto e melhorando a renda dos produtores. Essas cooperativas têm investido em certificações de qualidade, manejo mais sustentável e inovações tecnológicas para aumentar a competitividade do açai amapaense no mercado global.

O manejo mais sustentável do açaizeiro é um dos principais desafios e, ao mesmo tempo, uma oportunidade para o desenvolvimento econômico e ambientalmente equilibrado do setor.

A adoção de estratégias para agregar valor ao produto amapaense, como certificações de qualidade, desenvolvimento de novos produtos derivados e exploração de nichos de mercado, é essencial para fortalecer a competitividade do setor.

O investimento em capacitação e assistência técnica também é um fator determinante para a sustentabilidade da cadeia produtiva. Parcerias entre instituições públicas e privadas têm contribuído para a profissionalização dos produtores, melhorando a eficiência na colheita, no processamento e na comercialização do açai.

Além disso, outras cadeias produtivas também se beneficiam, pois algumas agroindústrias e cooperativas que processam o açai trabalham simultaneamente com outros frutos como o cupuaçu, aproveitando a infraestrutura e a logística já existentes para diversificar sua produção. Isso cria uma alternativa viável para agricultores que desejam complementar sua renda e ampliar suas oportunidades no mercado.

Outro setor beneficiado é o da pesca. O aumento da renda gerada pela comercialização do açaí fortalece a economia das comunidades ribeirinhas, que também depende da pesca como fonte de sustento. Além disso, há um mercado crescente para a venda conjunta de açaí e pescado em feiras e mercados locais, promovendo maior dinamismo econômico e fortalecendo as atividades entre os setores agrícola e pesqueiro. Dessa forma, a cadeia produtiva do açaí não apenas se consolida como um dos principais motores da bioeconomia amazônica, mas também exerce um efeito multiplicador ao induzir a expansão de outras cadeias produtivas.

Este estudo analisou as transformações na cadeia produtiva do açaí no Amapá, com ênfase no papel das associações e cooperativas na estruturação e no crescimento do setor. A pesquisa investiga os impactos da expansão do mercado, os desafios enfrentados pelos produtores e as estratégias adotadas para garantir a sustentabilidade econômica e ambiental do setor.

Referencial Teórico

Este estudo analisa a importância das associações e cooperativas para a cadeia produtiva do açaí no Estado do Amapá, com ênfase especial na trajetória das cooperativas Amazonbai e Bio+Açaí. O referencial teórico proposto discute diferentes formas de organização das atividades agroflorestais, destacando que, historicamente, o cooperativismo não era uma tradição consolidada na Amazônia. No entanto, observa-se um processo recente de fortalecimento das associações e cooperativas vinculadas à pequena produção e ao extrativismo na região, promovendo uma maior integração dos produtores ao mercado.

O associativismo abrange diversas formas de organização coletiva, como sindicatos, cooperativas e organizações não governamentais, e representa uma estratégia eficaz para pequenos produtores acessarem crédito, assistência técnica, equipamentos e mercados que individualmente sejam inviáveis (Fagotti, 2017).

De acordo com Tomazzoni e Schneider (2020), o cooperativismo possibilita o desenvolvimento das unidades familiares, promovendo maior bem-estar e elevando a qualidade da produção agrícola por meio da integração com cooperativas. Strate (2018) ressalta que o cooperativismo tem sido um instrumento fundamental para o desenvolvimento rural, embora historicamente sua prática esteja mais consolidada nas regiões Sul e Sudeste do Brasil.

Um caso emblemático é o da Cooperativa Agrícola Mista de Tomé-Açu (CAMTA), fundada em 1949, por imigrantes japoneses que se estabeleceram em 1929 na região de Tomé-Açu, no Estado do Pará, introduzindo a lavoura de pimenta do reino. Com quase um século de atividade possui 172 cooperados e mais de 1.800 produtores familiares cadastrados para o fornecimento de matéria prima, constituindo-se um símbolo do cooperativismo amazônico (Homma, 2016; MDA, s/d).

Homma (2016) afirma que há o espírito cooperativista no caboclo da Amazônia, mas quando essa relação cooperativista é oficializada sendo “colocada no papel”, surge a desconfiança de um para o outro, o que impede o progresso de uma associação (Homma, 2016; Tafner Júnior, 2010). Possivelmente esta desconfiança relacione-se à ausência da cultura cooperativista.

Embora o cooperativismo não seja uma característica organizacional da região, os mercados institucionais estimularam a sua expansão, destacadamente o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), políticas públicas que inegavelmente induziram a constituição de associações e cooperativas na Amazônia, configurando-se como uma estratégia para comunidades agroextrativistas enfrentarem desafios impostos pelos desafios de se produzir na região.

O associativismo e o cooperativismo desempenham um papel fundamental na organização e fortalecimento da cadeia produtiva do açaí no Estado do Amapá. Essas formas

de organização coletiva possibilitam a articulação de produtores, especialmente pequenos agricultores e extrativistas, promovendo melhores condições de trabalho, negociação e acesso aos mercados. Associações e cooperativas são essenciais para a estruturação das atividades produtivas e para a inclusão dos pequenos produtores em cadeias de valor mais competitivas (ICMBio, 2019).

Diante da informalidade na extração e comercialização do açaí e da necessidade de regularização da produção, a formação de associações permite que pequenos produtores tenham acesso a programas governamentais de incentivo, financiamentos e capacitações oferecidas por instituições como o SEBRAE e a Embrapa (Amapá, 2019).

Aspecto essencial do cooperativismo é o seu papel na formação e capacitação dos produtores. A falta de acesso à informação e à educação empresarial muitas vezes limita o crescimento econômico dos familiares agricultores. Por meio de cursos, treinamentos e assistência técnica, associações e cooperativas ajudam os produtores a aprimorar suas técnicas de cultivo, manejo e comercialização, garantindo maior eficiência e qualidade na produção (ICMBio, 2019).

Douglass North (1920-2015) (1990), Prêmio Nobel de Economia 1993, enfatiza que instituições sólidas são determinantes para o desenvolvimento econômico, pois reduzem custos de segurança e incertezas no mercado. Nesse sentido, as associações e cooperativas atuam como instrumentos essenciais para reduzir a informalidade e ampliar a inclusão de extrativistas e pequenos produtores no sistema produtivo formal.

A verticalização da produção de açaí no Amapá tem sido impulsionada pelas cooperativas, o que possibilita aos produtores locais capturarem maior valor agregado na cadeia produtiva. Ao invés de venderem apenas os frutos *in natura* para atravessadores, os cooperados passaram a beneficiar a polpa e a diversificar os derivados do açaí, o que tem melhorado sua posição no mercado e aumentado a renda.

Além do impacto econômico, o cooperativismo também desempenha um papel fundamental na sustentabilidade ambiental. O manejo adequado do açaí em áreas de várzea contribui para a preservação da biodiversidade e dos ecossistemas naturais, garantindo a continuidade da produção a longo prazo (Interelos, 2021).

Apesar dos avanços no cooperativismo do setor, há desafios importantes a serem enfrentados, especialmente em relação à infraestrutura e logística. A precariedade no transporte (sobretudo fluvial) e do custo da energia são fatores que impactam diretamente a competitividade do açaí amapaense. Além disso, muitas cooperativas ainda enfrentam dificuldades para garantir a regularidade da produção e o cumprimento dos contratos, principalmente em períodos de alta demanda, como também na entressafra.

Outro aspecto relevante é a interdependência entre a cadeia produtiva do açaí e outros setores. Muitas agroindústrias e cooperativas que processam açaí também atuam na produção de derivados de mandioca, castanha-do-brasil, cupuaçu e pescado, aproveitando a infraestrutura existente para diversificar suas atividades e gerar fontes complementares de renda. Essa diversificação fortalece a bioeconomia regional e amplia as oportunidades de mercado.

O mercado do açaí no Amapá também está diretamente relacionado à produção paraense. Essa dinâmica reforça a necessidade de políticas públicas externas para o fortalecimento do setor no Amapá, para que o Estado possa competir de forma mais equilibrada no mercado.

O apoio governamental tem sido crucial para o crescimento do cooperativismo na cadeia do açaí. Programas como as Rotas da Integração Nacional contribuem para o fortalecimento da bioeconomia na Amazônia (Brasil, 2023), promovendo melhores condições de trabalho, acesso ao crédito e inserção de pequenos produtores nos mercados nacional e internacional.

As cooperativas não apenas geram renda, mas também desempenham um papel essencial na melhoria das condições de trabalho e na garantia de direitos para os produtores. Ao negociar coletivamente, as cooperativas garantem preços mais justos, acesso a benefícios sociais e maior segurança econômica para as famílias envolvidas no setor (ICMBio, 2019).

Cadeia Produtiva do Açaí

Localização geográfica, variedades e dados estatísticos

A produção de açaí ocorre em todos os municípios do Estado do Amapá que vegeta nas áreas de várzea e grotas, que são periodicamente inundadas, mas também pode ser cultivada em áreas de terra firme com manejo adequado.

Os dados da Pesquisa da Produção da Extração Vegetal e da Silvicultura – PEVS demonstram que o maior volume da produção está concentrado na Região Metropolitana de Macapá (RMM), que compreende os municípios de Macapá, Santana e Mazagão.

A Tabela 1, a seguir, apresenta a quantidade produzida em uma série de quatro anos (2020/2021/2022/2023) de todos os municípios do Estado.

Tabela 1 – Quantidade produzida de fruto de açaí por município e Estado do Amapá (ton)

Municípios	2020	2021	2022	2023
Serra do Navio	126	131	134	134
Amapá	48	50	53	51
Pedra Branca do Amapari	104	101	104	113
Calçoene	216	208	226	218
Cutias	50	53	51	53
Ferreira Gomes	63	65	66	62
Itaubal	70	77	79	75
Laranjal do Jari	137	140	142	141
Macapá	757	852	881	930
Mazagão	549	551	578	545
Oiapoque	138	142	148	154
Porto Grande	147	158	164	153
Pracuúba	42	44	43	41
Santana	400	420	408	409
Tartarugalzinho	115	118	121	113
Vitória do Jari	105	98	100	104
Estado do Amapá	3.607	3.208	3.298	3.296

Fonte: IBGE – Produção da Extração Vegetal e da Silvicultura (PEVS).

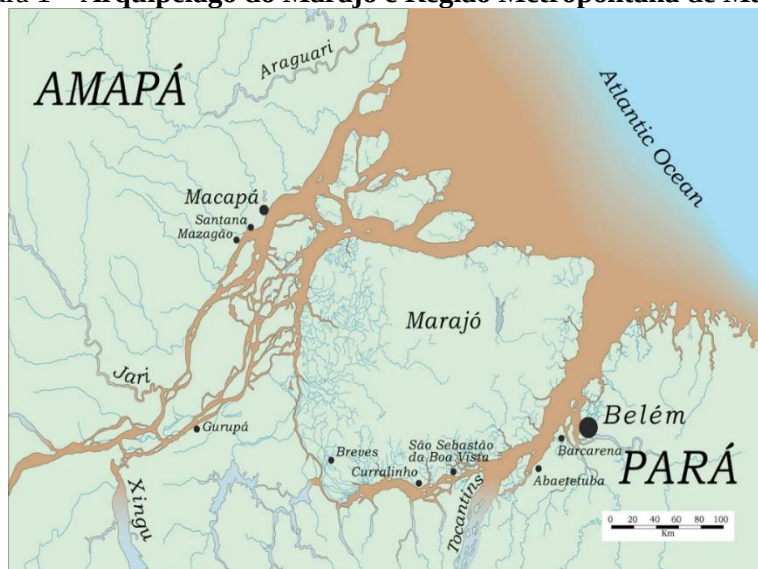
Conforme já destacado, a análise sobre a cadeia produtiva do açaí no Amapá, precisa necessariamente considerar a rede de relações econômicas e sociais existente entre os municípios amapaenses localizados à margem esquerda do rio Amazonas e os municípios paraenses marajoaras localizados no delta do mesmo rio, mais precisamente na porção oeste da Ilha de Marajó, com destaque para os municípios de Afuá, Breves e Chaves.

Macapá e Santana representam eixos dinâmicos dessas relações, sobretudo por serem cidades que possuem maior oferta de serviços de saúde, educação, segurança pública, transportes, lazer, serviços cartoriais, assistência social, mercadorias, dentre outros.

Pelo fato de serem centros populacionais de relativa expressão, constituem-se em significativos mercados demandantes da produção extrativa e agropecuária dos municípios marajoaras.

Com isso, grande parte da produção de açaí de Afuá, Breves, Chaves e outras localidades do Arquipélago do Marajó é destinada ao abastecimento dos mercados consumidores da Região Metropolitana de Macapá, quer seja para o varejo local, seja para as unidades industriais de processamento do fruto. A Figura 1, a seguir, mostra a localização espacial entre os municípios da Região Metropolitana de Macapá e os municípios marajoaras.

Figura 1 – Arquipélago do Marajó e Região Metropolitana de Macapá



Fonte: <https://pt.aguasamazonicas.org/>

Para ilustrar a importância da produção de açaí dos municípios marajoaras para o Amapá, assinala-se que, no ano de 2023, a produção somada dos 16 municípios amapaenses foi de 3.296 toneladas (Quadro 2), enquanto somente o município de Afuá (PA) produziu 11.350 toneladas naquele mesmo ano (IBGE, 2024), sendo que grande parte foi destinada aos mercados de Macapá e Santana.

A Tabela 2, a seguir, apresenta a quantidade produzida (em toneladas) e o valor da produção (em mil) dos Estados integrantes da Região Norte.

Tabela 2 – Quantidade produzida e valor da produção de fruto de açaí dos Estados da Região Norte (2023).

Estado	Quantidade produzida (toneladas)	Valor da produção (R\$ mil)
Pará	167.625	651.058
Amazonas	43.877	127.035
Acre	4.030	6.371
Amapá	3.296	9.852
Rondônia	1.189	5.412
Tocantins	26	173
Roraima	49	258

Fonte: IBGE – Produção da Extração Vegetal e da Silvicultura (PEVS).

A produção de açaí do Estado do Amapá corresponde ao quarto lugar da Região Norte, contudo, o valor da produção representa o terceiro lugar. Uma possibilidade para esta situação

são relações comerciais mais vantajosas obtidas pelo Amapá, ou ainda que esteja sendo contabilizado nas vendas amapaenses, o açaí produzido no Pará.

Destaca-se que é na Região Metropolitana de Macapá (RMM) onde se verifica a maior produção do Estado, conforme mencionado anteriormente, assim como também se registra o maior número de agentes da cadeia produtiva: extrativistas ou produtores, transportadores, batedeiras ou amassadeiras de açaí, indústrias de processamento de polpa, indústrias de conservas de palmito, fertilizantes, café de açaí e açaí tinto. Bem como o maior número de consumidores da polpa de açaí processada diariamente nas batedeiras que proliferam em todos os bairros das cidades que integram a RMM.

O açaí do Amapá é predominantemente de várzea, áreas ricas em nutrientes naturais para o desenvolvimento da planta, que cresce naturalmente e de forma abundante. Embora não existam dados sistematizados a respeito do açaí cultivado no Estado do Amapá, uma vez que estes projetos são recentes. Empiricamente observa-se sua ocorrência em duas direções: na região da BR-210, ou Rodovia Perimetral Norte, destacadamente nos municípios de Porto Grande, Pedra Branca do Amapari e Serra do Navio, e, em direção às áreas de cerrado, sobretudo dos municípios de Tartarugalzinho, Pracuúba, Amapá e Calçoene.

Tipos de produtores

Produtores de açaí são os que realizam a coleta (extrativistas), manejo ou o cultivo da palmeira. A ocorrência natural do açaí em todos os municípios amapaenses fez com que parcela dos habitantes locais tornassem-se extrativistas de açaí. Para ilustrar, destacam-se os povos indígenas dos municípios de Oiapoque e Pedra Branca do Amapari; os quilombolas que habitam nos municípios Mazagão, Santana, Macapá e os demais municípios localizados no eixo norte da BR-156; os extrativistas ribeirinhos em todos os municípios do Estado; e os agricultores familiares que ocupam os 54 assentamentos federais do INCRA e assentamentos estaduais, nos 16 municípios.

Os produtores de açaí cultivado são, em geral, empresários locais ou vindo de outros Estados brasileiros, que ocupam áreas no cerrado amapaense para a plantação de açaizeiros.

Processadores de açaí

Neste elo, a cadeia produtiva desmembra-se em três importantes grupos, conforme a seguir:

Batedeiras ou amassadeiras de açaí

São pequenos estabelecimentos comerciais responsáveis pelo processamento do fruto e a comercialização no varejo local. Apesar de não existirem dados oficiais a respeito do número de batedeiras de açaí, estima-se em mais de 2.000 pontos de processamento comercial nos municípios de Macapá e Santana.

O Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) e a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) constantemente realizam assistência técnica e capacitações referentes ao manejo, às boas práticas de fabricação, manipulação e higienização do açaí, o que tem contribuído de forma significativa para a elevação da qualidade do produto e a profissionalização dos microempreendedores.

Embora o mercado local seja a base de sustentação da cadeia produtiva do açaí no Amapá (Carvalho *et al*, 2017), os dados e as informações estatísticas sobre a comercialização de açaí são frágeis, pela informalidade, pela ausência de controle do poder público, mais também pelo fato de que as operações internas e interestaduais com a polpa de açaí serem isentas do pagamento de ICMS (Amapá, 2019).

Associações e cooperativas

O outro grupo de processadores de açaí são as associações e cooperativas agroextrativistas que verticalizam a produção, agregando valor ao produto e buscando melhor posicionamento no mercado ao lado das indústrias de polpas e outros derivados.

Comunidades de agroextrativistas na Amazônia se organizam por meio de associações e cooperativas por várias razões, dentre as quais se pode listar: a) a necessidade de se estabelecer redes de apoio, em razão da reduzida presença do Estado em áreas cujo acesso e a prestação de serviços são precários; b) a importância para a estruturação das atividades produtivas e a conquista de mercados, especialmente os mercados institucionais, uma vez que a união de vários produtores permite atender a demandas maiores, que podem ser difíceis para um único agricultor familiar, ou ainda, para disponibilizar suporte técnico e administrativo, objetivando cumprimento às chamadas públicas dos programas; c) a expansão do mercado nacional e internacional.

As associações agroextrativistas são entidades voltadas às demandas sociais das comunidades, enquanto as cooperativas tendem a ser o braço financeiro das organizações. Sob o aspecto legal, constituir uma associação é mais acessível para as comunidades agroextrativistas, posto que os critérios para a criação de cooperativas são mais rigorosos.

Essas organizações se caracterizam pela relativa inexperience de seus dirigentes, na maioria dos casos inclusive pela reduzida escolaridade. Outro ponto importante a ser destacado é que as carências infraestruturais como falta de energia e conectividade representam expressivos obstáculos para o desenvolvimento das atividades associativas.

Entretanto, este elo da cadeia produtiva do açaí tem sido priorizado na destinação de políticas públicas no Amapá. Exemplo disso é a estratégia de desenvolvimento regional Rotas da Integração Nacional que definiu como única ação para o projeto, a destinação de R\$ 5.000.000,00 para a Cooperativa de Produtores Agroextrativistas do Bailique e do Beira Amazonas (Amazonbai) (Brasil, 2023).

A Amazonbai é uma cooperativa de pequenos produtores do Arquipélago do Bailique e da região do Beira Amazonas, fundada em 2017, e que tem se destacado pela forma profissional com que vem conduzindo o projeto, tendo inclusive conquistado várias certificações, destacadamente o selo FSC (Forest Stewardship Council) para o manejo de açaí.

A Amazonbai tem se revelado uma experiência exitosa de gestão comunitária do território e de seus recursos, inclusive com a intenção de expandir suas atividades para outras cadeias produtivas selecionadas pelos territórios, como pescado, óleos vegetais e turismo de base comunitária (Interelos, 2021). A Figura 2, a seguir, apresenta uma imagem promocional da Amazonbai referente a um de seus principais produtos, o açaí liofilizado.

Figura 2 – **Açaí Liofilizado da Cooperativa Amazonbai**



Fonte: Instagram da Cooperativa Amazobai

Outra cooperativa que tem se destacado pelo desempenho de seus projetos é a Bio+Açaí não somente pelo cuidado com o manejo mais sustentável da floresta, como também pelo estágio de processamento industrial, diversificação do portfólio e qualidade de seus produtos, que tem o açaí como o carro-chefe da produção.

A Bio+Açaí já possui quatro certificações e como estratégia de se posicionar no mercado global tem buscado importantes parcerias com instituições comprometidas com o desenvolvimento mais sustentável da Amazônia. Em fevereiro de 2025, a Cooperativa formalizou a parceria com a Gelateria Bacio di Latte, em São Paulo, com a presença do Ministro do Desenvolvimento Agrário e da Agricultura Familiar, Paulo Teixeira (MDA, 2025).

A Figura 3, a seguir, apresenta a imagem de cooperados da Bio+Açaí, publicada em suas redes sociais.

Figura 3 – Cooperados da Bio+Açaí



Fonte: Instagram da Cooperativa Bio+Açaí

O Quadro 1, a seguir, apresenta uma relação de 33 associações agroextrativistas no Estado do Amapá que trabalham com a extração e comercialização de açaí. Este estudo foi realizado no ano de 2019, pelo ICMBIO, quando elaborou o Catálogo de Produtos da Sociobiodiversidade do Brasil.

A maioria dessas entidades não trabalha exclusivamente com o açaí. O outro produto também considerado importante é a mandioca (cultivo e produção de farinha). Mas também outras frutas da biodiversidade regional, como a castanha-do-brasil, o cupuaçu e o pescado.

Quadro 1 – Associações Agroextrativistas de Açaí

Entidade	Município
Associação São João	Mazagão
Associação Agroflorestal Baixo Mazagão Velho (AFLOMAZA)	Mazagão
Associação Agroextrativista da Comunidade Nossa Senhora da Conceição do Igarapé dos Porcos (AGROIGARAPÉ)	Macapá
Associação das Mulheres Produtoras Agroextrativistas da Foz do Rio Mazagão Velho (AMPAFOZ)	Mazagão
Associação dos Trabalhadores e Trabalhadoras Agroextrativistas da Região do Médio e Alto Rio Preto (AAMARP)	Mazagão

Entidade	Município
Associação Agroextrativistas dos Produtores do Lourenço (AAPROL)	Calçoene
Associação Agroextrativista Vegetal dos Produtores e Produtoras Familiar Rural de Laranjal do Jari (AGROJARI)	Laranjal do Jari
Associação dos Moradores e Produtores Agroextrativista da Comunidade de Vila Betel (AMACOBEL)	Vitória do Jari
Associação dos Moradores, Produtores, Extrativista e Agricultores da Comunidade Quilombola São Miguel do Macacoari (AMPEX/QUISMA)	Itaubal
Associação de Mulheres do Baixo Cajari (AMBAC)	Mazagão
Associação das Mulheres Agroextrativistas do Assentamento Maracá (AMAAM)	Mazagão
Associação dos Trabalhadores da Reserva Agroextrativista do Rio Cajari (AÇAICOOP)	
Associação dos Trabalhadores Extrativistas da Comunidade de Curuçá	Mazagão
Associação dos Moradores Agroextrativistas do Cajari (AMEX – CA)	Mazagão
Associação de Moradores e Trabalhadores em Produtos da Cadeia da Sociobiodiversidade (ACIOBIO)	Vitória do Jari
Associação de Moradores e Produtores da Reserva Agroextrativista do Baixo Cajari (AMPRAEX – CA)	Mazagão
Associação Agroextrativista do Assentamento Carnot (AGROCARNOT)	Calçoene
Associação das Mulheres Moradoras Trabalhadoras da Cadeia de Produtos da Sociobiodiversidade no Alto Resex Cajari (AMOBIO)	Mazagão
Associação de Produtores e Moradores Agroextrativistas do Assentamento de Bom Jesus dos Fernandes (AGRIBONJE)	Tartarugalzinho
Associação dos Trabalhadores Extrativistas do Rio Cajari (ASTEX – CA)	Laranjal do Jari
Associação dos moradores da Reserva Extrativista Terra Grande e Pracuúba (AMORETGRAP)	Pracuúba
Associação Agroextrativista da Comunidade Nova Jerusalém (AEECNJ)	Mazagão
Associação dos Agricultores e Extrativistas do Alto e Médio Maracá (AAXMAN)	Mazagão
Associação dos Produtores Agroextrativistas da Comunidade Jesus Bom Pastor do Breu (AEXCOBRE)	Mazagão
Associação dos Trabalhadores e Trabalhadoras Agroextrativistas do Rio Preto (AMAERP)	Mazagão
Associação dos Trabalhadores Agroextrativistas do Carvão (ATAXC)	Mazagão
Associação dos Moradores Agroextrativistas da Reserva Cajari (AMAR – CA)	Mazagão
Associação dos Produtores Agroextrativistas do Médio e Baixo Rio Cajari	Vitória do Jari
Associação dos Trabalhadores e Trabalhadoras Agroextrativistas do Barreiro (ATAB)	Mazagão
Associação dos Trabalhadores e Trabalhadoras Agroextrativista e Quilombolas da Conceição do Maraca (ATAEQ)	Mazagão
Associação dos Trabalhadores e Trabalhadoras Agroextrativistas do Baixo Rio Preto (ATAEX)	Mazagão
Associação dos Trabalhadores e Trabalhadoras Agroextrativistas da Região do Furo do Maracá e Ajuruxi (ATAMA)	Mazagão
Associação dos Trabalhadores do Assentamento Agroextrativista Maracá (ATEXMA)	Mazagão

Fonte: ICMBIO (2019).

Treze cooperativas amapaenses atuam na cadeia produtiva do açaí, sendo nove vinculadas ao Sistema da Organização das Cooperativas do Amapá (OCB), de acordo com o Quadro 2, e, quatro não vinculadas (Quadro 3).

Conforme destacado anteriormente neste estudo, a Amazonbai e a Bio+Açaí são as cooperativas mais estruturadas.

Quadro 2 - Cooperativas de açaí registradas no Sistema OCB

Entidade	Município
Cooperativa Agroextrativista do Vale do Anauerapucu (COOPANA)	Santana
Cooperativa Agroextrativista do Município de Calçoene (COOAGRO)	Calçoene
Cooperativa Agroextrativista dos Produtores do Município de Porto Grande (COAMP)	Porto Grande
Cooperativa Agroextrativista dos Produtores de Açaí da Serra do Tumucumaque	Serra do Navio
Cooperativa Mista Agroextrativista dos Produtores do Vale do Jari (COOPERFLORA)	Laranjal do Jari
Cooperativa dos Produtores de Maracá - COOPMARACÁ	Mazagão
Cooperativa Agroindustrial de Produção de Alimentos do Estado do Amapá	Macapá
Cooperativa de Produção de Alimentos da Biodiversidade do Amapá (Bio+Açaí)	Macapá
Cooperativa de Produtores Agroextrativistas do Bailique e do Beira Amazonas (AMAZONBAI)	Macapá

Fonte: OCB s/d.

Quadro 3 – Cooperativas de açaí não registradas no Sistema OCB

Entidade	Município
Cooperativa dos Moradores Agroextrativistas da Reserva Baixo Cajari	Mazagão
Cooperativa de Produtores Agroextrativistas do Oeste Amapaense - COPETRAL	Pedra Branca do Amapari
COMMAFLOS – VJ - Cooperativa Mista de Manejo e Agroextrativismo Florestal Sustentável de Vitória do Jari	Vitória do Jari
COOPAV - Cooperativa dos Produtores Agroextrativistas de Vitória do Jari	Vitória do Jari

Fonte: ICMBIO (2019); OCB s/d.

Agroindústrias

As agroindústrias oriundas de empreendimentos privados representam a terceira classificação de processadores da cadeia produtiva do açaí. O Quadro 4, a seguir, apresenta uma relação das mais significativas agroindústrias de alimentos do Estado do Amapá.

Quadro 4 - Agroindústrias de Alimentos do Estado do Amapá

Nome da empresa	Ano de fundação	Atividade	Município
Sambazon	2005	Derivados de açaí	Santana
Açaí do Brasil	2023	Cultivo de açaí	Pracuúba
Nutrativo	2016	Alimentos para animais	Santana
Gelap	2007	Conserva de pescados e crustáceos e moluscos	Santana
Vó Jacira	2008	Conservas de frutas	Porto Grande
Nunes Santos	2015	Conservas de frutas	Santana
Açaí Top Mix	2022	Derivados de açaí	Santana
Açaí Delícia do Norte	2019	Derivados de açaí	Santana
3 Amores	2012	Laticínios	Santana
Rações Verçosa	2015	Alimentos para animais	Santana
Rocha Pescados	2009	Conserva de pescados e crustáceos e moluscos	Santana
Pop Frut	2020	Derivados de açaí	Santana
Açaí Amazoon	2014	Derivados de açaí	Santana
Cunani Industrial	2005	Conserva de pescados e crustáceos e moluscos	Macapá
J G Imp. Exp.	2016	Conserva de pescados e crustáceos e moluscos	Calçoene
Deus na Frente	2019	Conserva de pescados e crustáceos e moluscos	Calçoene
Copec	2008	Pecuária	Macapá
Agroalimentos	2023	Hortifrutigranjeiros	Macapá

Nome da empresa	Ano de fundação	Atividade	Município
Gomes e Costa	2013	Pescados e Frutos do Mar	Oiapoque
Quilombo Alimentos	2023	Cultivo de mandioca e fabricação de farinha	Macapá
Du Mar Pescados	2018	Conserva de pescados e crustáceos e moluscos	Calçoene
J L Pescados	2010	Conserva de pescados e crustáceos e moluscos	Calçoene
Coopagri	2008	Criação de peixes de água doce	Calçoene
Coopamais	2012	Criação de peixes de água doce	Macapá
Castelo	1999	Bovino de corte	Santana
D C Pescados	2019	Conserva de pescados e crustáceos e moluscos	Oiapoque
Canto dos Amigos	2016	Bovino de corte	Macapá
Tribo Açaí	2013	Derivados de açaí	Macapá
Açaí Power	2002	Derivados de açaí	Santana
Kero Açaí	2018	Derivados de açaí	Santana
Polpas Amapá	2012	Derivados de açaí	Santana
Fort Life	2009	Derivados de açaí	Santana

Fonte: <https://www.econodata.com.br>.

Não estão na relação as agroindústrias de conservas de palmito.

Das 33 agroindústrias listadas no Quadro 6, acima, 14 são de processamento de açaí representando o principal segmento produtivo, seguido do pescado. Chama a atenção que, à exceção da agroindústria de conservas de palmitos, fundada no ano de 1993, todos os demais empreendimentos foram constituídos a partir dos anos 2000, revelando um processo recente de formação deste sistema de produção no Amapá.

Outro ponto importante é a concentração espacial no município de Santana, onde se localiza o Distrito Industrial.

Parcela considerável dessas agroindústrias de processamento de polpa de açaí, instaladas no município de Santana, possuem suas matrizes no Estado do Pará. A razão para a manutenção de uma filial no Amapá decorre dos distintos períodos de safra de açaí no Amapá e no Pará.

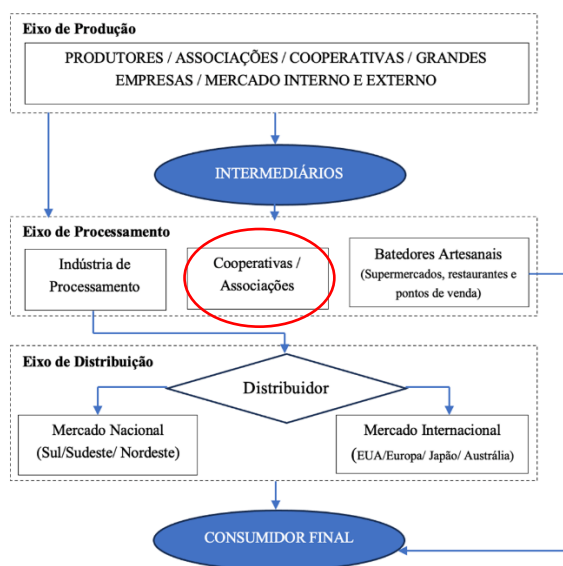
Enquanto no Estado do Pará (Mesorregião Nordeste Paraense) a safra do açaí ocorre de julho a dezembro (período de estiagem), no Estado do Amapá (região de Macapá e Ilhas) a concentração da safra ocorre de maio a junho (período chuvoso) (Carvalho *et al*, 2017).

Assim, quando se encerra a safra no Pará as empresas transferem seus funcionários para o Amapá de modo a permanecer com o processamento de polpa em suas plantas industriais no município de Santana. A mão de obra contratada localmente é, geralmente, para os serviços gerais, mas os funcionários mais especializados vêm das fábricas no Pará.

A agroindústria de maior expressão é a Sambazon, uma empresa global fundada na Califórnia em 2000, pioneira na introdução do açaí nos mercados internacionais, especialmente nos Estados Unidos, onde é líder de mercado. A principal unidade de processamento da Sambazon está sediada em Barcarena, no Pará, onde, inclusive, o portfólio de produtos é bem mais diversificado que o da unidade do Amapá. A agroindústria no Amapá produz basicamente a polpa de açaí.

Desta forma, tem-se que a cadeia produtiva do açaí passou a ter a seguinte configuração, conforme a Figura 4, a seguir:

Figura 4 - Cadeia Produtiva do fruto/polpa de açaí



Fonte: Adaptado de Araújo e Souza Filho, 2018

Observa-se no elo do processamento a inclusão de cooperativas e associações. Anteriormente este segmento constituía-se pelas indústrias de processamento e os batedores artesanais.

Procedimentos Metodológicos

Esta pesquisa analisou a reconfiguração da cadeia produtiva do açaí no Amapá, com ênfase no papel das associações e cooperativas no fortalecimento da produção e comercialização do fruto/polpa. Para isso, adotou-se uma abordagem qualitativa e exploratória, combinando fontes primárias e secundárias de dados.

As fontes primárias foram obtidas por meio de entrevistas semiestruturadas com dirigentes e associados de organizações sociais vinculadas à cadeia produtiva do açaí. Foram entrevistados representantes de associações e cooperativas agroextrativistas, bem como membros de instituições governamentais e agentes de fomento envolvidos no setor. O objetivo dessas entrevistas foi compreender os desafios enfrentados pelos produtores, os benefícios do associativismo e as políticas de incentivo existentes.

Os critérios de seleção dos entrevistados incluíram a relevância de sua atuação na cadeia produtiva, a localização geográfica e a representatividade de diferentes elos da produção e comercialização do açaí. As entrevistas foram conduzidas presencialmente e virtualmente, garantindo a participação de atores de diferentes regiões do estado.

Além das entrevistas, foram realizadas visitas de campo em unidades de produção, batedeiras de açaí e cooperativas, permitindo a observação direta das dinâmicas de

funcionamento dessas organizações. Essa etapa possibilitou identificar boas práticas, dificuldades operacionais e oportunidades de aprimoramento no setor.

As fontes secundárias foram obtidas a partir de bases de dados de instituições como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE). Esses dados foram utilizados para contextualizar o setor, apresentar estatísticas atualizadas sobre a produção e identificar padrões de crescimento e desafios estruturais.

A triangulação dos dados primários e secundários permitiu uma análise mais abrangente da cadeia produtiva do açaí, garantindo maior confiabilidade aos resultados. A abordagem qualitativa foi complementada por análises quantitativas de indicadores econômicos e produtivos, proporcionando uma visão mais completa sobre os impactos do associativismo e cooperativismo no setor.

Os dados coletados foram sistematizados e analisados por meio da técnica de análise de conteúdo, categorizando as principais informações obtidas nas entrevistas e nos documentos consultados. Dessa forma, foi possível identificar padrões, desafios e oportunidades para o fortalecimento da cadeia produtiva do açaí no Amapá.

Resultados e Discussão

As transformações produtivas na cadeia do açaí no Amapá nas últimas três décadas refletem o impacto da crescente demanda nacional e internacional pela polpa. Inicialmente baseado no extrativismo tradicional realizado por pequenos produtores em áreas de várzea, o setor experimenta um processo de reestruturação, impulsionado pela necessidade de ampliação da oferta e pela adoção de novas estratégias de manejo.

O fortalecimento das cooperativas e associações, permitiu a inserção de pequenos extrativistas em mercados mais exigentes, além de possibilitar maior agregação de valor ao produto.

O associativismo e o cooperativismo desempenharam um papel central nesse processo, viabilizando a organização dos produtores e permitindo melhores condições de comercialização. Associações e cooperativas como a Amazonbai e a Bio+Açaí são exemplos de como a organização coletiva tem sido essencial para superar desafios estruturais, proporcionando capacitação, acesso a crédito e certificações de qualidade que garantem competitividade ao produto amapaense. Essas organizações também desempenham um papel estratégico na obtenção de selos sustentáveis, essencial para mercados de exportação e para consumidores que valorizam práticas socioambientais responsáveis.

Essa evolução dos sistemas associativos de produção e comercialização que vem ocorrendo na cadeia produtiva do açaí, marcada por elevados níveis de profissionalização tanto na gestão quanto na organização dos elementos de apoio aos cooperados e/ou associados, representa uma situação particular e intrínseca a esse produto. Infelizmente, esse mesmo padrão não se observa em outras cadeias de produtos primários produzidos, manejados ou extraídos no Estado do Amapá. Em casos como o da castanha-do-brasil, cipós, óleos vegetais e produtos agropecuários, os arranjos produtivos, embora possuam potencial de agregação de valor igual ou até superior ao do açaí, não apresentam a mesma evolução quando envolvem ações coletivas que extrapolam o âmbito das relações familiares. Nesses contextos, os processos organizacionais frequentemente não se consolidam ou não se sustentam, desintegrando-se quase sempre por divergências, desconfianças e má gestão.

A verticalização da produção também tem se consolidado como um fator determinante para o fortalecimento da cadeia produtiva do açaí no Amapá. Antes, os pequenos produtores vendiam os frutos *in natura* para atravessadores e grandes empresas, recebendo uma remuneração limitada. Com a estruturação de agroindústrias locais e a criação de cooperativas

processadoras, os extrativistas passaram a beneficiar a polpa e outros derivados do açaí, capturando uma parcela maior do valor gerado na cadeia.

No entanto, apesar dos avanços, os produtores ainda enfrentam desafios importantes, especialmente no que se refere à infraestrutura e logística. A precariedade no transporte e o custo de energia impactam diretamente a produção, beneficiamento e comercialização do açaí.

Por outro lado, as cooperativas da cadeia produtiva do açaí no Amapá enfrentam dificuldades relacionadas à manutenção da produção de forma a garantir o cumprimento dos contratos, especialmente em contextos de ampliação da demanda.

Para que as cooperativas se fortaleçam é essencial investimentos no manejo mais sustentável das áreas de produção, melhorias na infraestrutura de acesso e transporte, novas tecnologias e assistência técnica voltadas para a modernização do setor.

Outro fator relevante é a relação entre a cadeia produtiva do açaí e outras cadeias econômicas locais. Muitas agroindústrias e cooperativas que processam o açaí também atuam na produção de derivados de mandioca, castanha do Brasil, cupuaçu e pescado, aproveitando a infraestrutura compartilhada e diversificando as fontes de renda dos produtores. O reflexo se reflete, também, nos consumidores pela maior demanda de farinha, camarão, carne seca e outros produtos. Essa interdependência fortalece a bioeconomia regional, promovendo um modelo de desenvolvimento baseado na valorização dos recursos naturais e na geração de empregos em diferentes setores.

Como a cadeia produtiva do açaí no estado do Amapá envolve diversos agentes que atuam de forma complementar em segmentos distintos (produtor/extrativista, transportador primário, intermediário/atacadista, transportador secundário e varejista/empresa), ainda há um grande potencial — e também uma necessidade — de fortalecimento das estruturas associativas em segmentos específicos, com o objetivo de defender e profissionalizar os agentes de cada setor dessa cadeia produtiva. Um caso particular é o dos varejistas locais, conhecidos como “amassadeiras” ou “batedeiras de açaí”. Esses agentes são responsáveis pelo processamento do açaí para o consumidor final, adquirindo a matéria-prima (os frutos) nas primeiras horas do dia e vendendo o produto processado ainda a tempo de ser consumido no almoço ou jantar. Por atuarem em um intervalo de tempo muito curto — quase sempre inferior a 12 horas —, esses profissionais são diretamente impactados por flutuações nos preços, o que os obriga a reduzir suas margens de lucro e, muitas vezes, leva ao fechamento dos estabelecimentos durante o período de escassez do produto. Com efeito, trata-se não apenas de um problema econômico, mas também social, uma vez que afeta milhares de famílias.

Além dos benefícios econômicos, o cooperativismo no setor do açaí tem contribuído para a sustentabilidade socioambiental. O incentivo ao manejo mais sustentável em áreas de várzea, aliado à certificação de boas práticas ambientais, tem permitido a conservação dos ecossistemas e a redução do desmatamento associado à produção. Cooperativas como a Amazonbai, por exemplo, têm investimento na obtenção do selo FSC (Forest Stewardship Council), garantindo que a extração do açaí ocorra de maneira mais sustentável e responsável.

Dessa forma, a cadeia produtiva do açaí no Amapá tem passado por transformações, com o associativismo e o cooperativismo desempenhando um papel essencial na estruturação do setor. A organização coletiva permitiu a inserção de pequenos produtores em mercados mais competitivos, garantindo melhores condições de comercialização e promovendo maior autonomia econômica. Com o fortalecimento das cooperativas, os investimentos em logística e o incentivo a práticas sustentáveis, a cadeia do açaí no Amapá pode continuar se expandindo, consolidando-se como um dos principais motores da bioeconomia regional.

Considerações Finais

As transformações na cadeia produtiva do açaí no Estado do Amapá refletem um processo recente de reconfiguração do setor, impulsionado pela crescente demanda nacional e internacional. O fortalecimento do cooperativismo tem sido um fator determinante para a organização dos produtores, aumentar a escala de produção e para a agregação de valor ao produto. Entretanto, ainda é cedo para afirmar se essas iniciativas serão capazes de se consolidar como um segmento robusto e estruturado dentro da bioeconomia regional. O histórico da Amazônia demonstra que a institucionalização de cooperativas enfrenta desafios significativos, que vão desde questões organizacionais até dificuldades de acesso a crédito e mercados mais exigentes.

As cooperativas desempenham um papel fundamental na inclusão dos pequenos produtores e extrativistas na economia formal, oferecendo condições mais justas de comercialização e maior autonomia no mercado. No entanto, a falta de experiência gerencial e os entraves burocráticos são obstáculos que precisam ser continuamente enfrentados para garantir a sustentabilidade dessas iniciativas. Além disso, a precariedade da infraestrutura, a baixa conectividade em comunidades ribeirinhas e as dificuldades logísticas continuam sendo desafios centrais para a viabilização de um modelo cooperativo eficiente no Estado.

Outro fator que precisa ser observado ao longo do tempo é a capacidade das cooperativas de manter sua competitividade frente às grandes empresas do setor. Enquanto algumas cooperativas, como a Amazonbai e a Bio+Açaí, já demonstram um relativo nível de profissionalização e inserção em mercados diferenciados, outras ainda operam de forma limitada, necessitando de maior suporte técnico e financeiro. A capacitação de gestores e cooperados é, portanto, um aspecto essencial para a continuidade dessas iniciativas, garantindo que possam se adaptar às exigências do mercado global.

O impacto do cooperativismo na cadeia do açaí também está relacionado à sustentabilidade ambiental e social. O modelo cooperativo pode ser um instrumento poderoso para a conservação dos recursos naturais, desde que alinhado a práticas de manejo mais sustentável. Certificações como o selo FSC, conquistado por algumas cooperativas, são indicativos promissores de que a produção pode ser conduzida de forma ambientalmente responsável. No entanto, a ampliação dessas práticas ainda depende de incentivos adequados e de maior integração entre políticas públicas e iniciativas privadas.

Diante desse cenário, torna-se essencial o acompanhamento contínuo da trajetória das cooperativas no Amapá para avaliar sua real contribuição à cadeia produtiva do açaí. O potencial de crescimento dessas organizações é significativo, mas ainda há muitas incertezas quanto à sua consolidação como um modelo de negócios viável e duradouro. A atuação de órgãos governamentais, instituições de fomento e organizações do terceiro setor será crucial para oferecer suporte técnico, acesso a mercados e infraestrutura adequada, permitindo que essas entidades se fortaleçam no longo prazo.

O papel das cooperativas bem estruturadas, fortes e organizadas na sustentabilidade da cadeia produtiva do açaí no Estado do Amapá e nas ilhas do arquipélago do Marajó precisa ser mais bem estudado, pois pode residir aí o ponto central para a ascensão socioeconômica dos produtores/extrativistas, bem como para a garantia do uso de boas práticas ambientais. A atuação das cooperativas, indo além da simples aquisição do produto e incluindo o apoio aos produtores/extrativistas por meio de assistência técnica e extensão rural, contribuirá para a fidelização desses associados e para a possível implementação de mecanismos de responsabilização quanto ao uso adequado dos recursos naturais.

Assim, o futuro do cooperativismo na cadeia produtiva do açaí no Amapá dependerá de um conjunto de fatores interligados, incluindo investimentos em capacitação, oferta de tecnologia, assistência técnica, infraestrutura e regulamentação mais favorável. O monitoramento das cooperativas ao longo dos próximos anos permitirá uma análise mais

precisa de sua capacidade de resistência e crescimento, bem como de sua contribuição efetiva para a bioeconomia amazônica. Caso superem os desafios estruturais, poderão se consolidar como um eixo estratégico na economia regional, promovendo maior inclusão social, escala, sustentabilidade e competitividade para os produtores de açaí do Estado.

Referências

Amapá. Benefícios Fiscais concedidos pelo Estado do Amapá em relação ao ICMS. 05.06.2019. Disponível em: <http://www.transparencia.ap.gov.br/> Acesso em: 05 dez. 2024.

Araújo, D. N.; Souza Filho, H. M. Drivers of competitiveness in the açaí pulp production chain in the northwest of Pará. Custos e @gronegócio on line, v. 14, n. 4, 2018.

Brasil. Governo Federal vai investir R\$ 5 milhões para estruturação da Rota do Açaí no Amapá. 07.10.2023. Disponível em: <https://www.gov.br/mdr/pt-br/noticias/governo-federal-vai-investir-r-5-milhoes-para-estruturacao-da-rota-do-acai-no-amapa> Acesso em: 06 jan. 2025.

Carvalho, Antonio Claudio Almeida de; Costa, Francisco de Assis; Segovia, Jorge Federico Orellana. Caracterização e Análise Econômica do Arranjo Produtivo Local do açaí nativo no Estado do Amapá. (2017). Disponível em: <https://ainfo.cnptia.embrapa.br/> Acesso em: 25 jan. 2025.

Econodata. 19 empresas de agroindústria no Amapá. Disponível em: <https://www.econodata.com.br/empresas/ap/busca-agroindustria> Acesso em 23 fev. 2025.

Homma, A. K. O. A imigração japonesa na Amazônia: sua contribuição ao desenvolvimento agrícola. 2.ed. Brasília: Embrapa, 2016. 255 p.

ICMBIO. Catálogo de Produtos da Sociobiodiversidade do Brasil. Brasília, 2019. 2ª edição. Disponível em: <https://www.gov.br/icmbio> Acesso em: 04 dez. 2024.

IBGE. Produção da Extração Vegetal e da Silvicultura (PEVS). Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/> Acesso em: 02 fev. 2025.

Interelos. Cadeias agroextrativistas sustentáveis e desenvolvimento comunitário na Amazônia. Programa Interelos de Socioeconomia do Amapá. (2021). Disponível em: <https://interelos.org.br/> Acesso em 05 dez. 2024.

Ministério do Desenvolvimento Agrário e da Agricultura Familiar – MDA. Cooperativa Agrícola Mista de Tomé Açu. Vitrine da Agricultura Familiar. Disponível em: <https://sistemasweb.mda.gov.br/> Acesso em 07 mar. 2025

Ministério do Desenvolvimento Agrário e da Agricultura Familiar – MDA. Produção sustentável de açaí na Amazônia resulta em parceria entre Cooperativa Amazônica e Bacio di Latte. Disponível em: <https://sistemasweb.mda.gov.br/> Acesso em 07 mar. 2025

Fagotti, Licia Nara. Associativismo e agricultura familiar: reflexões sobre uma associação de produtores rurais no interior paulista. REDD – Revista Espaço de Diálogo e Desconexão, Araraquara, v.9, n.1 e 2. 2017. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/redd/article>. Acesso em 14 mar. 2025

North. Douglass. Instituições, mudança institucional e desempenho econômico. São Paulo - Editora Três Estrelas, 2018.

OCB. Cooperativas Registradas no Sistema OCB-AP. s/d. Disponível em: <https://amapa.coop.br/ocb-ap/> Acesso em: 04 mar. 2025.

Tafner Júnior, Armando Wilson. Cooperativismo como Arranjo Produtivo Local: A Contribuição da Cooperativa Agrícola Mista de Tomé-Açu para a Sustentabilidade na Amazônia. Dissertação de Mestrado. (2010). Núcleo de Altos Estudos Amazônicos. Programa de Pós Graduação Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido. Universidade Federal do Pará. Disponível em: <https://www.ppgdstu.propesp.ufpa.br/> Acesso em 07 mar. 2025

Tomazzoni, G. C. & Schneider, S. (2020). Cooperativismo na agricultura orgânica no Brasil: contribuições de Chayanov. Revista de Gestão e Organizações Cooperativas, 7, 1–16.